

# JUVENTUDE E SUAS MANIFESTAÇÕES SOCIOCULTURAIS: DA ESCOLA A COMUNIDADE.

Nadja Rinelle Oliveira de Almeida. UFC

[nadjarinelle\\_234@hotmail.com](mailto:nadjarinelle_234@hotmail.com)

*Há pessoas que fazem nascer flores onde nunca pensou que fosse possível. (Paulo Freire).*

## RESUMO

A juventude, entendida ora como uma fase de transição a vida adulta ora como um conjunto social necessariamente diversificado vem ganhando espaço nas teses de doutorado e dissertações de mestrado, no sentido de compreender este jovem que se encontra nos bares, na escola, na rua, nas praças, manifestando suas práticas culturais através da dança, do teatro, do vídeo e tantas outras práticas. Neste sentido, este estudo vem apresentar a partir de alguns autores as manifestações culturais proposta por esses jovens, expressa nos comportamentos e atitudes pelo qual se posiciona diante de si mesmo e da sociedade. Para se aproximar deste universo terei como base alguns autores que se propõe em suas pesquisas discutir sobre a temática, a saber: GROppo (2000) PAIS (1993) DAMASCENO (2000) SALES (2010) e outros. Claro que este estudo vem apenas ensaiar a construção de um texto mais condensado que será alinhavado em minha dissertação de mestrado, por isso mesmo aqui não abordarei certezas, mas apenas algumas considerações que serão aprofundadas juntamente com os dados empíricos adquiridos no percurso da pesquisa.

**Palavras-chave:** Juventudes. Cultura. Escola.

## 1. INTRODUÇÃO

Na condição de mestranda no curso de Pós Graduação em Educação Brasileira na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC) na linha de Movimentos Sociais Educação Popular e Escola, venho tentar perceber como a juventude se faz presente e constrói o nosso contexto sociocultural em dois espaços: na comunidade ou na escola em que estes jovens se encontram.

Partindo do entendimento de alguns sociólogos contemporâneos o termo juventude é incorporado como uma categoria social. Para confirmar esta tese temos Groppo (2000) ao relatar que, ao ser definida como uma categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo

tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social, ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos.

A partir do autor supracitado, durante o período de transição da fase de ingresso na sociedade para a maturidade, três termos apareceram e aparecem com mais contundência, principalmente os dois primeiros a serem citados: juventude, adolescência e puberdade. Numa primeira análise, cada termo se refere a um tipo de transformação que o indivíduo sofre nesta fase da vida: As ciências médicas criaram a concepção de puberdade, referente à fase de transformações no corpo do indivíduo que era criança e que está se tornando maduro; A psicologia, a psicanálise e a pedagogia criaram a concepção de adolescência, relativa às mudanças na personalidade, na mente ou no comportamento do indivíduo que se torna adulto e por fim a sociologia costuma trabalhar com a concepção de juventude quando trata do período interstício entre as funções sociais da infância e as funções sociais do homem adulto.

Dayrell (2007) partindo de alguns estudiosos apresenta a juventude sendo tomada como uma fase da vida. Para outros ela é vista como um conjunto social necessariamente diversificado, em razão das diferentes origens de classe, que apontavam para uma diversidade das formas de reprodução social e cultural.

Levando em consideração o viés que o texto trará, ou seja, a relação da juventude com o contexto sociocultural, tentarei proporcionar um diálogo com alguns autores para tentar perceber esses sujeitos incorporados neste contexto, compreendendo também a juventude em sua pluralidade, ou seja, em sua larga diversidade.

Para caracterizar este estudo tomarei como base alguns autores a partir de uma pesquisa bibliográfica, sendo estes: GROppo (2000) PAIS (1993) DAMASCENO (2000) SALES (2010) e outros.

No desenvolvimento deste ensaio apresentarei no primeiro momento como a juventude vem se caracterizando atualmente no contorno social. No segundo momento falarei um pouco de cultura juvenil, trabalhando com sociabilidade e cultura situando a juventude e por fim apresentarei algumas considerações fazendo-se entender que isso é apenas um breve estudo devendo ser aprofundado no decorrer do caminhar do mestrado.

## 1. JUVENTUDES: COMO ISTO VEM SE CARACTERIZANDO?

Juventudes. Esta seria uma forma coerente e defendida por alguns pesquisadores para definir esses grupos que estão geograficamente formando o nosso contexto social. Para alguns sociólogos, como Groppo (2000) a juventude é atribuída como uma categoria social que torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Podemos então pensar esse grupo, como algo relativo que toma formas a partir dos comportamentos atribuídos por uma classe social, seja ela de etnia, nacionalidade, gênero, contexto histórico nacional e regional.

Com um viés sociológico, percorri sobre diversas vertentes para compreender a juventude. Nesse momento consigo fechar os olhos e imaginar um grupo composto por vários jovens, não necessariamente irei me deparar com pessoas com o mesmo critério etário, as afinidades estarão presentes, porém não precisarão ter um padrão linear de idade para acompanhar tais discussões que perpassam no grupo, talvez por isso entender a juventude seja um processo complexo, pois cada juventude pode reinterpretar a sua maneira de ser jovem.

Parece um traço bem marcante encontrar na configuração de nossa sociedade nos últimos séculos, as categorias sociais como: infância, adolescência, puberdade, jovem adulto, adulto, idoso, terceira idade e agora a “melhor idade”. Pedagogicamente aprende-se nas séries iniciais que nascemos, crescemos, envelhecemos e morremos. Neste viés, percebe-se que na escola, já se traz uma dificuldade para apreender essas divisões e subdivisões que perpassam no interior destes termos, sem, contudo, fazer uma leitura frente às mudanças sociais que tramitam freneticamente ao nosso cotidiano, principalmente relacionadas à própria cultura de cada um desses grupos.

Embora timidamente, a realidade acima citada vem trazendo novos contornos em alguns espaços educacionais, sejam eles em sala de aula, ou em ambientes não escolares, ao se trabalhar uma discussão emancipatória com os educandos para que estes possam ter maturidade de perceber o mundo e intervir nele proporcionando transformações sociais.

A juventude, em seu caráter diverso instiga sempre os estudiosos a tentar dar conta de compreender esta fase de transição à maturidade e essa pluralidade proposta desde o início. E, pensando nesta na realidade dos grupos sociais concretos, de uma pluralidade de

juventudes: de cada recorte sócio-cultural – classe social, estrato, etnia, religião, mundo urbano ou rural etc. – saltam subcategorias de indivíduos jovens, com características, símbolos, comportamentos, subculturas e sentimentos próprios.

Partindo destas leituras, foi possível perceber que os jovens embora estejam em trajetórias desiguais por conta de vários fatores, dentre eles podemos destacar o processo de desigualdade social promovido pelo capitalismo, eles conseguem se encontrar em vários grupos, produzindo músicas, peças de teatro, enfim, promovendo com isso momentos em que eles dialogam entre si trocando idéias, contemplando com isso um momento de sociabilidade.

### **3. A JUVENTUDE E O SEU FAZER SOCIO CULTURAL.**

Quando pensei em discorrer sobre este item, as primeiras lembranças que me vieram foram os grupos de dança que participei na escola, as festas com o grupo de amigos, o catecismo. Após as calorosas lembranças fui em busca de alguns autores que pudessem colaborar para a compreensão deste elo: juventudes e o contexto sociocultural.

Para situar as variadas dimensões constitutivas da condição juvenil no Brasil, deve-se partir de um contexto sociocultural mais amplo, no seio o qual elas vão construindo tal experiência. Esse contexto se expressa nas profundas transformações socioculturais ocorridas no mundo ocidental nas últimas décadas, onde o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar a identidade juvenil. (DAYRELL, 2007, p. 198).

Assim, penso que a cultura é algo bastante presente no cotidiano dos jovens quando eles se expressam culturalmente através da produção de músicas, vídeos, danças ou mesmo programas de rádios comunitárias.

Mas, se falo em cultura, é oportuno trazer o seu conceito. Segundo o dicionário Aurélio (2001) cultura significa parte ou o aspecto da vida coletiva, relacionados à produção e transmissão de conhecimentos, à criação intelectual e artística, ou o processo ou estado de desenvolvimento social de um grupo, um povo, uma nação, que resulta do aprimoramento de seus valores, instituições, criações, etc.; civilização, progresso.

Fazendo uma leitura deste conceito, verifica-se que o jovem hoje é um recorte das práticas culturais que envolvem o meio social, sendo importante compreender que a cultura não é apenas os costumes que o ser humano adquire a partir de seu lócus, mas sim, práticas culturais manifestas na sua comunidade e na escola.

Damasceno (2000, p.78) acredita que os diversos espaços da escola possibilitam momentos de troca, de criação, recriação, de fortalecimento das amizades, dos laços de solidariedade, das paqueras.

A instituição escolar é um espaço imprescindível para promover esses diálogos entre os jovens, mas o que me parece é que o aspecto sociocultural se encontra bem distante dos currículos escolares, pois embora conste arte-educação no currículo escolar, acaba se tornando uma atividade extra escolar. É como se o jovem entrasse na escola e se tornasse o aluno e não mais o jovem, inibindo-o de expressar aquilo que ele traz a partir do contexto social em que ele vive.

Sobre isso Sposito (2003) acredita que o desencontro entre o “mundo da escola” e o “mundo dos jovens” traz perdas para todos os atores escolares, já que eles acabam imersos numa rotina desinteressante e pouco motivadoras, num ambiente pouco propício para os aprendizados e vivências que a escola pode e deve promover. Altos índices de fracasso escolar, pichações e depredações, atitudes desrespeitosas no convívio escolar, apatia dos alunos são alguns dos sintomas dessa situação.

Ao se pensar nesta realidade trazida pela autora percebo a necessidade de compreensão deste processo de sociabilidade promovida pelos jovens que Dayrell traz em seus estudos.

Essa sociabilidade seria na visão do autor uma dimensão central na constituição da condição juvenil, sobre a dimensão social. Partindo desta perspectiva, é preciso pensar que estes espaços de sociabilidade promovidos a partir destes encontros, seja na escola, na rua, nos bares, no grupo de teatro, no hip hop, vem fortalecer a condição do que é “ser jovem” para esses sujeitos e a cultura e o meio social que eles vivem são determinantes neste processo.

E os jovens pobres, localizados nas periferias são enxergados ou ainda se mantêm invisíveis na sociedade?

Por meio da produção dos grupos culturais a que pertencem, muitos desses jovens recriam as possibilidades de entrada no mundo cultural além da figura do espectador passivo, colocando-se como criadores ativos. Através da música ou da dança que criam, dos espetáculos que fazem, dos eventos culturais que promovem, eles colocam em pauta no cenário social o lugar do pobre. Para esses jovens, destituídos por experiências sociais que lhes impõem uma identidade subalterna, o grupo cultural é um dos poucos espaços de construção de uma auto-estima, possibilitando-lhes identidades positivas. Eles querem ser reconhecidos, querem ter visibilidade, ser “alguém” num contexto que os torna “invisíveis”, “ninguém” na multidão.(DAYRELL , 2007, p. 200).

Como perceber esta realidade sem envolver o processo educacional? Porque a escola se comporta de maneira tão distante da situação “real” que acompanha estes jovens? O ensino público massificou e com isso, será que ainda restaram escolas públicas de qualidade?

A partir da fala do autor supracitado, é possível perceber que muitas escolas querem os alunos disciplinados, obedientes e esquecem que estes jovens carregam dores e delícias de seu viver, sem ter oportunidade de aproveitá-las em seu viver educacional. É como se a escola tivesse cá e a comunidade que o aluno vive tivesse lá, não se considera que “a leitura de mundo antecede sempre a leitura da palavra”, como dizia Freire (1996).

Acreditei ser oportuno fundamentar este meu argumento na fala de Brandão (1995) quando este relata que ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou várias. Educação? Educações.

A partir deste contexto, é possível visualizar a importância que se deve atribuir a leitura de mundo que o jovem já traz de seu meio social contornando com todas as disciplinas escolares, pois só assim, acredito que todos os conteúdos apreendidos na escola poderão ter algum significado.

#### 4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A minha intenção foi fazer um levantamento bibliográfico sobre a juventude entrelaçando com o contexto sociocultural, tentando com isso adentrar um pouco neste universo que envolve estas “juventudes” e com isso tentar desconstruir esse estigma voltado para a “juventude” atribuindo a estes sujeitos a irresponsabilidade, o desinteresse, esquecendo que estes jovens também são imersos de problemas, mas também de sonhos, principalmente aqueles que se encontram nas periferias.

A partir da contribuição de alguns autores fui instigada a buscar respostas sobre estes “jovens” e como estes se expressavam culturalmente, seja na escola ou nos espaços na comunidade em que residem.

E o que pude perceber foi uma riquíssima variedade de práticas culturais propostas pro estes jovens, que vai desde ao teatro, a dança a produção de vídeos e músicas que oportunizam a estes jovens a ter voz e vez diante deste país que promove um processo de desigualdade social em larga escala.

Penso o quanto à escola vem se distanciando destas práticas culturais, aprisionando estes sujeitos a adentrar em uma disciplina que só prevalece à comunidade escolar, e os jovens, como ficam nesta situação?

Claro que existem os conflitos entre os jovens manifestados por meio da violência. Dayrell (2007) nos explana que nessa dimensão juvenil também encontramos expressões de conflitos e violência existentes no universo juvenil, que apesar de não ser generalizada, costuma ocorrer em torno e a partir dos grupos de amigos, sobretudo masculinos. Só que, as discussões, brigas e até mesmo atos de vandalismo e delinqüência, presentes entre os jovens, não podem ser dissociadas da violência mais geral e multifacetada que permeia a sociedade brasileira, expressão do descontentamento dos jovens diante de uma ordem social injusta, de uma descrença política e de um esgarçamento dos laços de solidariedade, entre outros fatores. E então, onde vamos parar?

Penso, assim como tantos brasileiros a necessidade que se tem de investimento de políticas públicas que assegurem nossos direitos sociais garantidos em nossa constituição, mas por onde começar? A educação seria um ótimo veículo, mas e o professor, será que ainda está disposto a embarcar nesta luta ou está enfadonho, cansado de tantos problemas

ocorridos na escola, que vai desde o comportamento dos jovens em sala até os baixos salários, o que fazer? Boa pergunta! Espero que no decorrer desta trajetória eu possa não ter respostas prontas, mas pelo menos alguma pistas para lidar com as dores e delícias do viver do pedagógico.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

AURÉLIO, Dicionário. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Ed. Nova Fronteira, 2001.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DAMASCENO, M. N. **A convivialidade como expressão da cultura estudantil**. In: DAMASCENO, M. N. ; THERRIEN, J. (Org). Artesãos de um outro ofício: múltiplos saberes e práticas no cotidiano escolar. São Paulo, SP: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.

DAYRELL, J. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

\_\_\_\_\_. **Juventude, grupos de estilo e identidade**. Educação em Revista, n. 30, p. 25-39, dez. 1999.

\_\_\_\_\_. **Juventude, produção cultural e a escola**. Caderno do Professor, Belo Horizonte, n. 9, abr. 2002.

\_\_\_\_\_. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, out. 2007.

GROPPO. Luis Antonio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. (p. 07 a 55).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.



GARBIN, Elizabete Maria. **Culturas juvenis, identidades e Internet: questões atuais**. In: Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago, 2003. n° 23.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993. (p. 47 a 79).

SALES, Celecina de Maria Veras. **Juventude, espaços de formação e modos de vida**. Revista EDT- Educação Temática Digital, Campinas, v. 12, n.esp. p. 24-41, set. 2010. ISSN: 1676-2592.

SPOSITO, Marília Pontes. **Juventude Políticas Públicas no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, 2003.

TIBA, Içami. **Puberdade e Adolescência. Desenvolvimento biopsicossial**. 5ª edição. São Paulo: Agora, 1986.